

## O silêncio na psicanálise

Anabel Marlene Babot Alzaibar<sup>1</sup>  
anabel.alzaibar@gmail.com

Clarice Pacheco Balejos<sup>2</sup>  
claricebalejos@gmail.com

Patricia Rutsatz<sup>3</sup>  
patriciarutsatz@famaqui.com.br

### Resumo

O silêncio na clínica psicanalítica tem um valor imensurável como recurso para escuta e manejo clínico. Ao longo deste trabalho discutiremos sobre alguns aspectos importantes deste silêncio no *setting* psicanalítico (silêncio do analista e do analisando), pontuando a importância destes silêncios, onde o analista através de uma escuta empática e amorosa consegue dar voz ao analisando, garantindo o direito de fala deste como protagonista de seu tratamento. Deixamos uma reflexão final aos acadêmicos em Psicologia.

**Palavras-chave:** Escuta. Psicanálise. Psicologia. Reflexão. Silêncio.

### Abstract

Silence in the psychoanalytic clinic has immeasurable value as a resource for listening and clinical management. Throughout this work we discuss some important aspects of this silence in the psychoanalytic setting (silence of the analyst and the analysand), highlighting the importance of these silences, where the analyst, through empathetic, loving listening can give voice to the analysand, guaranteeing the right to speak of him as the protagonist of his treatment. We leave a final reflection to Psychology academics.

**Keywords:** Listening. Psychoanalysis. Psychology. Reflection. Silence.

---

<sup>1</sup> Bacharelanda em Psicologia da Faculdade Mário Quintana–FAMAQUI. Graduada em música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

<sup>2</sup> Bacharelanda em Psicologia na Faculdade Mário Quintana–FAMAQUI. Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul–PUCRS. Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

<sup>3</sup> Mestra em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Especialista em Teoria e Técnica Psicanalítica pelo Centro de Estudos Psicanalíticos - CEP. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

## **Introdução**

O presente trabalho, tem como intuito básico discorrer sobre o papel do silêncio na clínica psicanalítica, com valor imensurável como recurso para escuta e manejo clínico.

Partimos do pressuposto que a comunicação é fundamental para os seres humanos e suas relações, e ela não acontece sem linguagem, independente dela ser verbal ou não verbal. Então, qual o papel do silêncio do terapeuta e do paciente na proposta de escuta psicanalítica? O que ocorre com os não ditos ou não falados? Segundo Zimerman (2017) este tema costuma ser controvertido, porquanto são múltiplos os fatores e os pontos de vista adotados pelas distintas correntes do pensamento psicanalítico.

Cintilante é a água em uma bacia; Escura é a água no oceano. A pequena verdade tem palavras que são claras; A grande verdade tem grande silêncio (Rabindranath Tagore apud Arantes, 2019).

## **O Silêncio na Psicanálise**

O silêncio na psicanálise é uma ferramenta terapêutica valiosa para a expressão de pensamentos e emoções inconscientes, em um espaço seguro onde o paciente pode explorar questões profundas e reveladoras. A possibilidade de ele acontecer e sua interpretação, fazem parte no setting psicanalítico.

Segundo Lucas Napoli, em sua live (Psicanálise em Humanes, 2021), o silêncio do psicanalista é uma decisão clínica e serve inicialmente para sinalizar para o paciente que a análise não é uma conversa banal, um bate papo, uma troca de experiências, um diálogo, mas sim um convite, uma indicação de um espaço, para o paciente falar para se escutar. Em um segundo momento, o silêncio do psicanalista está voltado para coletar as informações necessárias e significativas presentes no discurso do paciente para formular algo que realmente mereça ser falado por ele. O que o psicanalista vai falar e expressar necessita ser algo relevante, pensado, refletido para que provoque um efeito sobre algo que se passa com o paciente. A escuta do psicanalista ao que o paciente está falando é muito importante, não é uma tarefa fácil e por isso há a necessidade também do terapeuta estar em análise de suas próprias questões. Dunker & Thebas (2021) nos dizem que “a arte da escuta do outro começa pela possibilidade de escutar a si mesmo... por isso, o psicanalista deve necessariamente fazer sua própria análise... escutar é uma arte que envolve riscos”.

Segundo Marta (2005) há uma importância do silêncio no setting analítico que vai permitir uma melhor compreensão do paciente, silenciando algumas variáveis para vermos outras mais claramente. E a autora faz uma interessante reflexão/analogia, trazendo a música

em seu sentido literal: “não existe música sem silêncio: o silêncio na sala para que ela possa ser escutada, mas, mais do que isso, a própria estrutura musical (a escrita) é composta de sons (notas) e de silêncios (pausas). Sem eles nada faria sentido. Há silêncios que aproximam e há silêncios que afastam, separam. Ambos podem estar presentes na relação psicanalítica.

Nasio (2010) apud (Bangemann, Soares, Souza, 2020) aponta o silêncio como elemento com diferentes significados em um setting terapêutico: o silêncio está sempre presente numa sessão de análise, e seus efeitos são tão decisivos quanto os de uma palavra efetivamente pronunciada. Silêncio do paciente ou do analista, silêncio crônico ou efêmero, silêncio de resistência ou de abertura do inconsciente, ele constitui um fato analítico de primeira importância no desenrolar de um tratamento e coloca aos clínicos um problema de técnica psicanalítica, tão antigo quanto o da regra da livre-associação.

A partir desta perspectiva, podemos considerar que cada silêncio diz de uma possibilidade de escuta e manejo, visando sempre a maior eficácia do processo terapêutico. Cabe ao terapeuta, além de identificar o tipo de silêncio, ter destreza para manejá-lo de forma ética, em busca de compreensão. Dentre todas as manifestações humanas, o silêncio manifesta-se de forma densa, compacta e pura, sem palavras ou ruídos o próprio inconsciente. (Bangemann; Soares; Souza, 2020).

Zimerman (1999) nos aponta alguns tipos de causas que determinam os silêncios que podem ocorrer na situação analítica: Simbiótico (transfere na terapia como se fosse a mãe, esperando que o analista adivinhe magicamente as suas demandas); Bloqueio (da capacidade de pensar); Inibição fóbica (medo de falar devido a uma forte ansiedade paranoide de dizer bobagens, ser mal interpretado); Protesto (quando o paciente não tolera a relação assimétrica com o analista, e protesta. Este protesto silencioso acontece quando os seus anseios narcisísticos não estão sendo correspondidos); Controle (como forma de testar a paciência do analista ou de impedir que este tenha material para construir as interpretações que ameacem a sua autoestima); Desafio narcisista (Fantasia do analisando de que permanecendo em silêncio ele triunfa e derrota o analista. Lacan adverte de que em todo o diálogo aquele que cala é quem detém o poder, porquanto é ele que outorga as significações ao que o outro diz); Negativismo (tanto pode ser uma forma de identificação com objetos frustradores que não lhe respondiam como também pode estar representando o necessário e estruturante uso do “não”); Comunicação primitiva (por intermédio dos efeitos contratransferências que o silêncio do paciente desperta no analista, ele pode estar fazendo uma importante comunicação daquilo que está inconsciente e que não consegue expressar com palavras); Regressivo (paciente adormece no divã, regredindo a uma fase não elaborada, podendo estar

buscando a presença da mãe, volta para outro momento); Elaborativo ( Espaço e tempo necessário para o paciente realizar reflexões, correlações e a integração dos insights parciais para um insight total). Além destas, é importante considerar também situações mais específicas como a de um adolescente silencioso (fase do desenvolvimento que ainda não possui bem desenvolvidas as condições para discriminar e abstrair; pode apresentar frustrações por não ter seus pedidos e desejos atendidos) e o mutismo de natureza destrutiva (pode decorrer de uma forma do ego defender-se de fortes ansiedades paranoides, depressivas e confusionais; pode estar exercendo uma importante função de comunicar de forma não-verbal e por meio de efeitos de contratransferências, ideias e sentimentos primitivos que ainda não foram nomeados; paciente pode ser muito regressivo; pode estar significando uma extrema necessidade de proteger-se contra possíveis novas humilhações já vivenciadas no passado; narcisismo extremado ligados à pulsão de morte e a uma disfarçada angústia de desamparo e aniquilamento em estado mental de desistência).

Há uma linha tênue entre o falar e o silenciar. A partir do primeiro encontro, o analista vai interpretando este ambiente terapêutico através da observação, norteando o processo, silenciando de forma positiva o que está sendo construído pela associação livre e fala do analisando. No instante que fala da “associação livre” como uma técnica que se funda no discurso do sujeito em análise, Freud (1923) demonstra o papel da linguagem livre, do controle do consciente e comenta que a “psicanálise é a arte da interpretação”, na medida em que ao interpretar, o psicanalista ressignifica o que o sujeito verbaliza, silencia, indica por desconhecer, por intermédio das associações livres”. (Campista; Oliveira, 2007). Assim o papel do analista é de fundamental importância como decodificador desses sinais, fragmentos que surgem no fluxo do discurso como repetições, metonímias, metáforas, reticências, pontuações, pausas, e outros que são o material disponível à interpretação psicanalítica. (Campista; Oliveira, 2007).

É necessário que o analista saiba em qual momento silenciar para não prejudicar o tratamento. Rubem Alves, apud Thomazini (2019) escreve: “Todas as palavras tomadas literalmente são falsas. A verdade mora no silêncio que existe em volta das palavras. Prestar atenção ao que não foi dito, ler as entrelinhas. A atenção flutua, toca as palavras sem ser por elas enfeitada. Cuidado com a sedução da clareza. Cuidado com o engano do óbvio!”

Para a psicanálise o silêncio é tradutor de mensagens do inconsciente e para análise de discurso é o lugar da palavra, vazio, repleto de sentidos. Atribuir significado ao silêncio é ir além da representação, simbolizando imagens que a memória gravou e inseriu na estrutura psíquica dos sujeitos. (Campista; Oliveira 2007).

## Considerações Finais

Procuramos neste breve ensaio, expor a importância do silêncio no setting psicanalítico; como estes momentos silenciosos na prática clínica são de grande valor terapêutico e como os seus efeitos são tão decisivos quanto os de uma palavra efetivamente pronunciada. O silêncio traz muitos significados, se constitui em momentos preciosos e singulares do processo terapêutico onde questões não pronunciadas ou não ditas se fazem presentes, cabendo ao terapeuta perceber, estar atento e utilizá-lo como ferramenta de trabalho para auxiliar o paciente na sua subjetividade. Se faz necessário que o analista acolha os silêncios, ofereça uma escuta ativa e verdadeira, para além das palavras. Aproveitamos para citar Ruben Alves: “O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: se eu fosse você... A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não escuta que ele termina” (1999). E a partir desta frase poética articulamos com a psicanálise, para pontuar a importância do silêncio, mas não de um silêncio qualquer, mas de um silêncio acolhedor, onde o analista através da escuta irá dando voz ao analisando, onde o direito de fala é deste sujeito como protagonista de seu tratamento.

Sabemos que este assunto não se esgota, por ser um tema valoroso e de grande preciosidade para a clínica psicanalítica. Há silêncios necessários, há silêncios de reflexão, há silêncios de elaboração... há silêncios do analisando e do analisado.

E deixamos para a reflexão: Nós, psicólogos em formação ou acadêmicos de psicologia, percebemos a grande importância da capacidade de escutar e fazer silêncio na clínica psicanalítica? Estamos adquirindo consciência da valiosa ferramenta da escuta da singularidade de cada sujeito na contemporaneidade tão barulhenta e desafiadora? Despertamos para a necessidade e importância da busca do autoconhecimento?

## Referências

- ALVES, Rubens. **O Amor que acende a lua**. Papyrus Editora. São Paulo. 11<sup>a</sup>. Edição. 1999.p 33.
- ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro. GMT Editores Ltda. 2019.p. 57
- BANGEMANN, Cristiane Eliete Olsson; SOARES, Maély Corcete; SOUZA, Tania Maria. **O Silêncio na Abordagem Psicanalítica**. XXI Jornada de Extensão. ODS: 3 – Saúde e Bem-estar. Salão do Conhecimento. Unijuí 2020, p 2, 7.
- CAMPISTA, Valesca do Rosário; OLIVEIRA, Vânia Maria Rocha. **O silêncio: multiplicidade de sentidos**. In: SINAIS- Revista eletrônica – Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição, n.02, v.1, outubro. 2007. P.112,114.
- DUNKER, Christian; THEBAS, Claudio. **O Palhaço e o Psicanalista**. São Paulo: Planeta do Brasil Ltda. 2 ed.2021, p.25,26.
- MARTA, Rita. **O Silêncio na Comunicação ou a Comunicação pelo Silêncio: O Silêncio na Psicanálise**. Psi /Logos. Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca. Abril, 2005, p. 23.
- NAPOLI, Lucas. **Psicanálise em Humanes**. 2021. **Entenda por que os psicanalistas ficam em silêncio**; Lucas Nápoli. <https://www.youtube.com/watch?v=UyfAhH9cPGE> acesso em 29 de outubro de 2023.
- ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos**. São Paulo. Artmed Editora S.A. 2017.
- THOMAZINI. Simony Ornellas. **Amor as Palavras**. Jornal Noroeste. 2019. <https://jornalnoroeste.com/pagina/colunas/amor-as-palavras> acesso em 2 de novembro de 2023.